

CAROLINA SILVA COSTA & ANTONIO SEBASTIÃO SILVA

MÍDIA E CULTURA: UMA NARRATIVA DA REVISTA VEJA SOBRE O INDÍGENA BRASILEIRO

MEDIOS DE COMUNICACIÓN Y CULTURA:
UNA NARRATIVA DE LA REVISTA VEJA EN LOS INDÍGENAS DE BRASIL

MEDIA AND CULTURE: THE NARRATIVE OF VEJA
MAGAZINE ON THE BRAZILIAN INDIGENOUS

Recebido em: 26 maio 2015

Aceito em: 6 jul. 2015

Carolina Silva Costa: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Campo Grande-MS, Brasil)
Mestranda em Comunicação na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Graduada em Comunicação Social, Jornalismo no campus universitário do Araguaia da Universidade Federal de Mato Grosso.
Contato: carolcosta-22@hotmail.com

Antonio Sebastião Silva: Universidade Federal de Mato Grosso (Barra do Garças-MT, Brasil)
Doutor pela Universidade de Brasília (UnB) em Jornalismo. Mestrado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e professor efetivo da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).
Contato: antoniosilvva@gmail.com

ISSN (2236-8000)

linguagens midiáticas

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender a narrativa da revista *Veja* na formação de identidade cultural dos indígenas, tendo como objeto de análise a reportagem jornalística publicada na edição 2163, no dia 05/05/2010. O semanário objeto da pesquisa torna-se importante nesta análise em função de sua ampla audiência no Brasil, além da grande influência no cenário político e na formação da cultura brasileira. O método proposto para a análise das reportagens é o da análise crítica da narrativa, que permite compreender em profundidade as estratégias do jornalismo de dar fluxo às narrativas hegemônicas, no que se refere à formação de uma identidade cultural indígena, ou mesmo descortinar matrizes discursivas, as ideologias que se organizam em meio ao processo dramático de contar histórias.

PALAVRAS-CHAVES: Identidade cultural; Índios; Narratologia; Mídia.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo comprender la narrativa de la revista *Veja* y su papel en la formación de la identidad cultural de las comunidades indígenas, con el objeto de análisis de la noticia publicada en la edición 2163, de 05/05/2010. El periódico, es importante en este análisis por tener gran audiencia en Brasil, y influencia en la arena política y en la formación de la cultura brasileña. El método propuesto para el análisis de lo informe es la crítica del análisis narrativo, lo que nos permite comprender en profundidad las estrategias del periodismo de impulsar el flujo de las narrativas hegemónicas, en lo que respecta a la formación de una identidad cultural indígena, y descubrir matrices discursivas, las ideologías que se organizan en medio del proceso dramático de la narración.

PALABRAS-CHAVES: Identidad cultural; Índios; Narratología; Medios de comunicación.

ABSTRACT

This study aims at understand the narrative of Brazilian magazine *Veja* in the formation of the cultural identity of the indigenous people of the country, presenting as corpus of analysis the news report published in issue 2163, on 05/05/2010. The newspaper, the research object, is important to this analysis due to its wide audience in Brazil, and has great influence in the political arena and in the formation of Brazilian culture. The proposed method for the analysis of the reports is the critique of narrative analysis, which allowed us to understand in depth the journalism strategies which allow the flow of hegemonic narratives, regarding the formation of an indigenous cultural identity, or even uncover discursive matrices, ideologies that are organized in the midst of the dramatic process of the storytelling.

KEYWORDS: Cultural identity, Indians, Narratology, media.

INTRODUÇÃO

As notícias sobre os índios frequentemente são destaque nos meios de comunicação de massa, entretanto é necessário compreender os discursos narrativos que perpassam pela sociedade. A análise midiática dos elementos da narrativa admite que a cultura esteja sempre imbuída de significados e de valores, capazes de gerarem novos olhares sobre o conceito de identidade.

Com o objetivo de compreender a narrativa da revista *Veja* na formação da identidade cultural do indígena brasileiro, este trabalho tem como objeto de pesquisa a reportagem: “A farra da antropologia oportunista” publicada no semanário na edição 2163, no dia 05/05/2010. O método de análise a ser seguido será o narrativo da vertente de Luiz Gonzaga Motta, com o intuito de conhecer a estória relatada.

O semanário paulista, objeto da pesquisa, torna-se importante nesta análise em função de sua ampla audiência no Brasil, com mais de um milhão de exemplares comercializados semanalmente. Assim, a escolha da narrativa jornalística de *Veja* justifica-se pela credibilidade que o semanário possui com o seu público, além de organizar o sistema social, a fim de moldá-lo, apresenta grande influência política na formação da cultura brasileira.

Como descreve Thompson, “os meios de comunicação têm uma dimensão simbólica irreduzível: eles se relacionam com a produção o armazenamento e a circulação de materiais que são significativos para os indivíduos que os produzem e os recebem” (1998: 19). O mesmo autor ressalta que a mídia é um veículo de grande importância para a formação do conhecimento social.

A mídia constrói os seus discursos por meio da sua narrativa jornalística, sendo eles políticos, econômicos, ideológicos ou culturais. Entretanto, é preciso compreender as narrativas das mídias que estão relacionadas com ordenação de seus personagens na trama, na defesa de ideologia e *status quo*. “A rigor uma questão que merece luz nos tempos das mediações é a representação definida pela mídia nas narrativas”. (SILVA, 2012: 2).

A respeito da temática indígena a mídia reproduz os fatos através das suas histórias formando uma ideologia, na qual constrói a identidade cultural indígena inserido em uma sociedade globalizada regida por um Estado Neoliberal. “O desenvolvimento da mídia ajudou a criar um mundo em que os campos de interação podem se tornar globais em escala e em alcance e o passo da transformação social pode ser acelerado pela velocidade dos fluxos de informação” (THOMPSON, 2001: 107).

Ao discutir a questão da identidade, Stuart Hall afirma que a constituição da identidade, enquanto sujeito, se classifica como móvel e não estável, ou seja, o sujeito está se tornando fragmentado, composto de várias identidades, sendo às vezes contraditórias ou não. “A identidade somente se torna questão quando está em crise, quando algo que se supões como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (2003: 23).

Assim, a partir da comunicação narrativa, no texto jornalístico será possível compreender o discurso de *Veja*, na tessitura de sua estória, sobre a formação de uma identidade cultural indígena.

MÍDIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO INDÍGENA

A era contemporânea é marcada pelo confronto de uma gama de identidades culturais, em que há um enriquecimento, uma troca cultural. Contudo não há como negar a tensão existente entre o global e o local, sendo que estes possuem interesses ideológicos divergentes, embora a globalização atue como um processo desigual que tem sua própria geometria de poder. A globalização possui uma implicação de pluralizar as identidades produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, tornando as identidades menos fixas e unificadas.

Em essência dois movimentos importantes: a globalização como desterritorialidade cultural, no sentido de inserir novos modelos culturais numa ordem planetária; e o processo de aumento do poder dos mercados, com o neoliberalismo, que provocam alterações na forma de gerir o estado-do-estar social. Neste contexto, estão as narrativas midiáticas, que se organizam em torno dos novos modelos de sociedade, seguindo um discurso hegemônico que se estabelece, com isso interferindo na política, economia e culturas nacionais e regionais. Nesta perspectiva, são descritas as histórias com seus protagonistas e antagonistas, considerando os acontecimentos que envolvem os enfrentamentos entre grandes produtores exportadores e comunidades nativas, dentre elas efetivamente os indígenas brasileiros.

Nas sociedades tecnológicas, se nota uma dependência dos cidadãos às informações produzidas pelos meios de comunicação de massa¹ acerca dos acontecimentos de grande relevância social e política. Um dos motivos é devido ao fato de ser inviável, nessas sociedades, presenciar todos os acontecimentos de repercussão social, sobretudo nos tempos da globalização, em que os países revelam-se interconectados pela informação. Antes do surgimento da indústria da mídia o conhecimento, a compreensão de mundo, do passado e informações de lugares diferentes eram passadas através das tradições orais produzidas e transmitidas em contextos sociais da vida cotidiana pelas relações interpessoais (THOMPSON, 1998).

Com o desenvolvimento das tecnologias dos meios de comunicação, a realidade que chega até nós acerca do mundo, é construída a partir das informações que advém da mídia. Pois, “a informação e o conteúdo simbólico são transmitidos para distâncias cada vez maiores num tempo cada vez menor” (THOMPSON, 1998: 19). Silverstone segue a mesma concepção e enfatiza que a sociedade passou a depender da mídia tanto para “fins de entretenimento e informação, de conforto e segurança, para ver algum sentido nas continuidades da experiência” (2002: 12). Pode-se acrescentar, quanto para a produção de conhecimento.

A comunicação de massa ao construir as suas narrativas concede ao indivíduo uma versão arquitetada através de filtros culturais e técnicos, ou seja, as notícias e reportagens são produtos, gerado de circunstâncias sociais e disputas simbólicas. Como correlata Silverstone, a mídia “filtra e molda realidades cotidianas, por meio de suas representações singulares e múltiplas, fornecendo critérios, referências para a condução da vida diária, para a produção e a manutenção do senso comum (2002: 20). No entanto, esta disputa pelo poder simbólico, por quem tem mais voz e condições de impor seu ponto de vista na narrativa acerca dos fatos, se acirra em

¹ Neste estudo, os termos *media* (latim para meios), mídia e imprensa são usados como sinônimos de meios de comunicação de massa.

uma negociação intensa pela produção do corpus resultante, a versão das ocorrências que se conquistará a hegemonia social (BOURDIEU, 1989). Em outras palavras, as narrativas publicadas pelos meios de comunicação são uma verdade hegemônica construída através das relações de poder, que constitui a própria realidade.

As relações de poder presentes tanto em uma narrativa quanto nos veículos de comunicação são resultado das relações sociais hierarquizadas já estabelecidas na sociedade. Conforme observa Michel Foucault, há as “sociedades de discurso” (2008: 39-40) e o poder expressa-se como um regime de correlação de forças que circulam, sem possuir um caminho ou uma simetria fixa. O poder não está necessariamente cristalizado em instituições e situações de dominação ou de sujeição estáveis e permanentes, manifesta-se muito mais em uma multiplicidade de correlações de forças como um jogo instável e incessante que se transforma, flutua, se inverte e reverte. Neste sentido, numa sociedade globalizada a mediação ganha importância; no entanto, como analisa Bourdieu, há os riscos a serem observados.

Os símbolos são os instrumentos por excelência da interação social: enquanto instrumentos de conhecimento de comunicação, eles tornam possível o consenso acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: integração lógica é a condição da integração moral (BOURDIEU, 2010: 10).

Enfim, o poder se manifestaria também nas relações discursivas e situações narrativas, indo e vindo, mudando constantemente de lugar ou posição. Este poder não se restringe ao domínio dos meios materiais e dos aparatos políticos e institucionais, mas do “controle sobre o imaterial e o intangível seja das informações e conhecimentos, seja das ideias, dos gostos e dos desejos de indivíduos e coletivos” (LATRES e ALBAGLI, 1999: 8).

No que se refere ao processo de construção e de reafirmação de identidade², a mídia tem ampliado o seu espaço e importância na produção cultural e na construção do imaginário social (MENDONÇA, 2009). Nas sociedades tradicionais “o imaginário social derivava de uma prolongada sedimentação e decantação dos estoques simbólicos que davam identidade a uma determinada sociedade, hoje a temporalidade contemporânea impõem seu ritmo também ao movimento do imaginário” (RUBIM, 1995, p.42). Neste contexto, a aceleração do processo da esfera simbólica reflete nos processos de construção de identidade, que ocorre em detrimento das múltiplas situações, nas relações sociais e nas representações do mundo simbólico (MENDONÇA, 2009).

Stuart Hall relata que “um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade” (HALL, 2003: 9), esta transformação estrutural que o autor cita refere-se as diversas mudanças nos campos de atividades do homem que está modificando as identidades, que antes eram estáveis, agora estão se descentralizando, causando uma instabilidade no indivíduo moderno, fragmentando-o. Sendo assim, os tempos atuais alteram os modos de vida, devido à existência de uma pluralidade de centros de poder, as instituições.

² Vale ressaltar que o conceito de identidade está relacionado com outras duas definições, a de auto identidade (requerida pelo sujeito ou grupo) e a de heteroidentidade (atribuída pelos “outros”). Pois advoga-se que a mídia atribui identidade aos grupos, e não que ela crie tais identidades, apenas seleciona dentro da polifonia cultural a identidade que melhor serve aos seus interesses em uma determinada conjuntura (CUCHE, 1999).

A identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, através dos processos inconscientes e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo 'imaginário' ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre em processo 'sempre' sendo formada. (HALL, 1998: 38).

A globalização se apresenta como a *deslocadora* das identidades culturais nacionais, em que três possíveis consequências são expressas: desintegração das identidades nacionais como resultado da homogeneização cultural, reforço de identidades pela resistência a esse processo e a construção de novas identidades híbridas. Uma das principais características sobre construção de novas identidades híbridas é compreensão do espaço-tempo que faz se sentir que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm impacto imediato sobre as pessoas e lugares situados a uma grande distância (HALL, 2003). Compreender que o espaço se encolhe para se tornar uma aldeia "global" e a necessidade da compreensão de mundos espaciais e temporais. As relações espaço-tempo têm efeitos profundos sobre a forma com que as identidades são representadas e localizadas.

Ao se analisar a realidade dos povos indígenas brasileiros a partir do termo aculturação, pode-se observar que os índios passaram por intenso processo de mudança em suas tradições, seus rituais e costumes sociais, se comparado às tribos do período de colonização. Atualmente o que se nota, é que o índio está cada vez mais inserido na sociedade, muitas vezes, fazendo parte do sistema capitalista, sendo atribuído a ele a função de mão de obra trabalhadora.

Entretanto "configura-se, assim um novo mapa: as culturas indígenas como parte integrada à estrutura produtiva do capitalismo, mas sem que sua verdade se esgote nisto" (MARTIN-BARBERO, 2013: 264). O indígena possui uma identidade que *não é fixa*, que ao longo do tempo sofre alterações e se desenvolve, embora, com resistência sofra influências da cultura dominante. Entretanto, deve-se ressaltar sua capacidade de se desenvolver culturalmente, de modo autóctone. Ainda assim, cabe argumentar sobre sua relação numa sociedade capitalista, inserido neste sistema.

Os povos indígenas são designados como nativos habitantes originados das terras pertencentes ao continente americano. No Brasil, estima-se que quando o território foi descoberto pelos colonizadores havia cerca de 5 milhões de índios habitando o território, hoje esta população, segundo os dados do IBGE de 2010, é de aproximadamente 900 mil índios de 305 etnias.

Por fim, em tempos atuais de globalização, em que a mediação atua como importante produtora de conhecimento e formadora da opinião pública, a imagem cultural do indígena vem sendo construída como um sujeito aculturado que está inserido no sistema atual. Além do mais, sua identidade é colocada em crise ao retratar o indígena associado à cultura ocidental, caracterizando-o como um sujeito que quer ser inserido na sociedade e pertencer ao sistema capitalista, como mão de obra trabalhadora.

METODOLOGIA DA ANÁLISE NARRATIVA DO JORNALISMO

A narratologia da vertente de Motta (2004) é concebida como um ramo das Ciências Humanas que estuda os sistemas narrativos no seio das sociedades. A fim de sustentar os argumentos das hipóteses e fornecer explicações plausíveis sobre os fenômenos observados, a narratologia é utilizada para entender como os sujeitos sociais constroem “intersubjetivamente seus significados através da apreensão, representação e expressão narrativa da realidade” (MOTTA, 2004: 83).

Além disso, a narratologia é uma metodologia de análise pragmática da narrativa ou comunicação narrativa, ou seja, reconstrói o objeto através de alguns procedimentos e técnicas de interpretação dos discursos. Estes são identificados no texto através de estratégias utilizadas pelo narrador para convencer o leitor de seu posicionamento.

Conceituando-se narrativa, ela é um dispositivo textual argumentativo que visa seduzir e envolver o leitor, desvelando intencionalidades que lhe são implícitas. Por outro lado, ela é uma “composição mais heterogênea que homogênea, revelando no processo de sua configuração correlações de poder e disputas pela cocriação e interpretação do sentido público dos eventos” (MOTTA, 2004: 20). Além disso, as narrativas como paradigma são consideradas pelo mesmo autor como “composições de fragmentos e flashes encadeados linearmente, com início, clímax e fim, seguindo critérios que as configuram como tal — e que culturalmente são aplicados na leitura dos acontecimentos pelo homem” (MOTTA, 2013: 49). No entanto, Motta considera que a partir dos enunciados narrativos “somos capazes de colocar as coisas em relação umas com as outras em uma ordem e perspectiva, em um desenrolar lógico e cronológico. É assim que compreendemos a maioria das coisas do mundo” (MOTTA, 2013: 02).

Neste trabalho, o produto jornalístico selecionado para ser o objeto de análise é a reportagem sobre o indígena brasileiro, intitulada “A farra da antropologia oportunista”, publicada na revista *Veja* edição 2163, no dia 05/05/2010.

Esta análise é feita a partir de um instrumento interpretativo, uma técnica hermenêutica que revela processos de representação e de constituição da realidade historicamente situadas, onde há confrontos com outras representações possíveis (MOTTA, 2004). Assim, através da compreensão do texto e de sua configuração é possível revelar o jogo de poder, descortinar a correlação de forças que se exerce nas relações discursivas interpessoais e coletivas.

Para Motta (2013), as narrativas, enquanto objeto, podem ser analisadas em três instâncias expressivas e significantemente: a) plano de expressão; b) plano da história ou conteúdo e c) plano da metanarrativa. Estas instâncias não são classificadas de maneira hierárquica pelo autor, mas são separadas de forma operacional para compor um método que facilite a análise.

O plano da expressão é toda a superfície do texto onde o discurso é proferido pelo narrador através do seu ato de fala, sua produção narrativa. Trata-se do plano em que há o uso de estratégia de linguagem com o intuito de produzir efeitos de sentido. Além disso, nas reportagens de um veículo midiático, observa-se o uso de certas estratégia e expressões pelo jornalista

com o intuito de produzir, por exemplo, o efeito de ironia.

O plano da estória refere-se ao conteúdo, à sequência de ações, aos encadeamentos, ao enredo, à intriga e aos personagens. Trata-se do plano da diegese, ou seja, plano virtual da estória imaginada em nossa mente por meio da representação e do universo de significados. Vale ressaltar que este plano está fortemente ligado ao plano da expressão. No entanto, só é possível revelar as intenções comunicativas do narrador através da análise dos dois planos. E por último, o plano da metanarrativa está associado a fatores abstratos, como ideologia, cultura, moral e ética de maneira em que as ações da estória dialogam com os princípios do leitor para convencê-lo.

Numa primeira etapa é necessário compreender o fio da narrativa, a diegese, compondo e recompondo a estória de maneira a identificar as sequências básicas e os pontos de virada. Através da reconfiguração da narrativa se conhece o projeto dramático, os conflitos existentes na configuração da intriga. Motta conceitua o fio da narrativa como “o percurso que um incidente ou uma trilha que uma sucessão de incidentes traça dentro da massa de estórias, tecendo uma trama principal” (2013: 37). Ao conhecer as partes que compõem a estória, é necessário recontá-la de maneira resumida, *storyline*, descrevendo uma síntese da narrativa, os pontos de virada, os personagens que compõem a trama.

Recompomos a estória, descrevendo as artimanhas do narrador, suas estratégias enunciativas (ironia, *flashback*), as intrigas entre os personagens, e suas disputas pelo poder, através do plano da linguagem e do plano da estória. Após evidenciar as estratégias do narrador e como ele convence o leitor com o seu enquadramento, alcançamos o conceito jornalístico de *Veja* na relação do índio com sua identidade cultural frente à globalização.

Arelamos à análise dos personagens (fontes da revista), um ator com traços antropomórficos, réplica na representação dramática, qualidades, atitudes e comportamentos próprios do ser humano (PRINCE, 1987) que aparecem nos textos e é considerado como uma “figura central da narrativa e eixo do conflito em torno do qual gira toda intriga” (MOTTA, 2013: 63). Além disso, vale ressaltar que não há estória sem personagem, não existe “uma só narrativa no mundo sem personagens” (BARTHES, 1971: 41).

Nas narrativas, os personagens são dotados de ações e referências que geram o conflito e encadeiam a intriga. Entretanto é essencial classificá-los como: antagonistas, coadjuvante do antagonista, protagonistas, coadjuvante do protagonista ou neutro. Concebido pelo narrador, o personagem faz parte da estratégia narrativa e se move na estória de acordo com as intenções do narrador, entretanto faz necessário descortinar os argumentos do narrador transmitidos ao personagem. Todavia, a análise de uma narrativa não se refere à realidade, “mas a respeito da realidade e como a representação produz efeitos retroativos sobre a própria audiência e a sociedade” (MOTTA, 2013: 84).

Na análise da narrativa sobre os indígenas, procuramos classificar os personagens, (os índios, Funai, pesquisadores, antropólogos, políticos), de maneira a verificar quem se sobressai, (protagonistas, ou antagonistas). Em seguida, vamos recompondo a estória de maneira a evidenciar como os personagens são arquitetados na narrativa e como eles vão se movendo durante o decorrer da narrativa.

A última etapa do procedimento de análise consiste em revelar as

metanarrativas. Posterior à realização dos movimentos de análise, elas se tornam mais nítidas. Como já afirmado anteriormente, as narrativas são construídas sob uma base ética, moral, ideológica e cultural. No entanto, cabe buscar esta essência do objeto e as contribuições fornecidas ao espectador. Ricoeur conceitua ideológica como um “sistema que organiza a visão conceitual do mundo em toda ou em parte da obra” (RICOEUR, 1995: 155).

ANÁLISE: JOGO DE APARÊNCIAS

Ao se adentrar na leitura das páginas de *Veja*, o que se observa é que o índio se apresenta na narrativa como um indivíduo aculturado, que absorveu aspectos da “cultura do homem branco”, e em constantes conflitos por terra, com argumento de manter sua identidade cultural, como estratégia. Nas narrativas, a Funai, regulamentada pelo Estatuto do Índio, é considerada um órgão arcaico, distante da realidade da pós-modernidade, de cultura integrada, embora com suas diferenças, mas dentro de uma ordem legal. Como agente da narrativa, *Veja* ataca a Fundação Nacional dos Índios com as suas políticas e objetivos de proteção às comunidades endógenas brasileiras. A cultura a cada passo da narrativa ganha mais aspecto de disputas por interesses econômicos e ideológicos de grupos de poder. Longe de serem neutros nesta estória, os indígenas se inserem nas guerras pela defesa da identidade e tradições, contra o modelo econômico neoliberal. No entanto, cada vez mais em disputas com mais tensão no território brasileiro, como descrito pelo narrador.

Os laudos produzidos por antropólogos “sem nenhum rigor científico e com claro teor ideológico” (05/05/2010, p. 154 ed. 2163) confirma “a farra da antropologia oportunista”, título da narrativa do dia 5 de maio de 2010. Os antropólogos aproveitam de processos de demarcação de terras para obter lucros para ONGs, na qual são vinculados.

Na composição da trama, *Veja* conta que os “critérios frouxos para a delimitação de reservas indígenas e quilombos ajudam a engordar as contas de organizações não governamentais e diminuem ainda mais o território destinado aos brasileiros que querem produzir” (05/05/2010: 154), como as empresas do agronegócio. Deste modo, a demarcação de reservas indígenas tornam territórios com fronteira que limitam à produção, inexplorados, prejudicando o desenvolvimento produtivo do Brasil.

Seguindo o fio da narrativa no enquadramento dramático, segue *Veja*, na sua composição, descrevendo de um lado as áreas férteis e não exploradas no Brasil que representam uma proposta de ampliação futura do agronegócio em referência ao mercado mundial. Do outro lado, as partes dessas áreas que já foram demarcadas para grupos específicos da sociedade ou para proteção ecológica. Ademais, o governo ainda pretende criar um número significativo de reservas e destinar lotes para a reforma agrária “com a intenção de proteger e preservar a cultura dos povos nativos e expiar os pecados da escravatura” (05/05/2010: 154). *Veja* retoma narrativas anteriores e enfatiza as dívidas capitalistas dos tempos da colonização brasileira, que nunca será paga. Agindo assim, portanto, sem assumir o papel de protagonista na produção, o Brasil estará na contramão dos tempos pós-moderno, de uma sociedade do desenvolvimento econômico.

Na trama do lado daqueles que defendem o desenvolvimento do Brasil, o narrador da à voz ao personagem protagonista, o antropólogo Mércio Pereira Gomes, ex-presidente da Funai e professor da Universidade Federal Fluminense, o qual afirma, “diante deste quadro, é preciso dar um basta imediato nos processos de demarcação” (05/05/2010:156). Como pano de fundo, rapidamente, descreve o narrador que as demarcações sem responsabilidades prejudicam o sistema capitalista, de produção agrícola, ao diminuir as terras produtivas.

A rigor, para uma comunidade ser considerada indígena ou quilombola são necessárias uma declaração de seus integrantes e um laudo antropológico. Os laudos são encomendados e pagos pela Fundação nacional do Índio (Funai), embora “muitos dos antropólogos que os elaboram são arregimentados em organizações não governamentais (ONGs) que sobrevivem do sucesso das demarcações” (05/05/2010: 156). Na narrativa, as ONGs impedem o desenvolvimento econômico brasileiro na proteção das terras improdutivas, as quais abrigam os povos indígenas, portanto, assumem o papel de antagonistas da estória de *Veja*, na trama. O pior, o número de ONGs relacionado à causa de indígenas aumentou e, em dez anos, a União repassou para estas entidades 700 milhões de reais. Como exemplo, o repasse de R\$88 milhões de reais pela União à instituição de Roraima, Conselho Indígena de Roraima (CIR), criada com o intuito de demarcar a reserva Raposa Serra do Sol por padres católicos. A organização foi a terceira maior beneficiária.

Seguindo o enquadramento dramático, a região Norte e Nordeste é onde há mais pedidos de reconhecimento da identidade indígena. Além disso, na administração do Partido dos Trabalhadores (PT), o acesso a assistências como bolsa família e cesta básica é facilitado aos que são considerados minorias, como os indígenas e quilombolas, aumentando mais o problema do desenvolvimento econômico no campo. Há regiões em que é necessário ser apresentado como índio para ter acesso a auxílios destaca o narrador. Nesta perspectiva, localizada na região Nordeste, a personagem adjuvante de protagonista, Magnólia da Silva, neotupinambá baiana, diz: “aqui só tinha escola até 8º série e a duas horas de distância. Depois que a gente se tornou índio, tudo ficou diferente, mais perto” (05/05/2010: 161). A disputa segue entre a política de estado e o setor rural produtivo, na demarcação de terras e defesa das minorias, como as indígenas.

“Essas vantagens fizeram as pessoas assumirem artificialmente uma condição étnica, a fim de obter serviços que deveriam ser universais” (05/05/2010: 161), diz o protagonista, o sociólogo Demétrio Magnoli. Neste enquadramento dramático, o narrador conta que há comunidades que usam cocares comprados em loja de artesanato e em outros estabelecimentos que comercializam material de rituais pertencentes a religiões de outros povos. Entretanto, como descreve o narrador, “não basta dizer que é índio para se transformar em um deles. Só é índio quem nasce, cresce e vive num ambiente de cultura indígena original” (05/05/2010: 159), afirma o protagonista, antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, do museu Nacional, no Rio de Janeiro. Outro personagem da narrativa no papel de protagonista é o presidente do Movimento Pardo Mestiço Brasileiro, Helderli Alves, que relata: “desde que o governo começou a financiar esse tipo de segregação racial, os mestiços que moram perto de quilombos passaram a se declarar

negros para não perder dinheiro” (05/05/2010: 161). No meio da narrativa, conta o narrador, o termo “índios ressurgidos” (05/05/2010: 156) é utilizado, como indivíduos sem uma identidade cultural própria, que estão interessados apenas em receber do governo benefícios da civilização para sua subsistência. Aqui, na narrativa de *Veja*, os valores passam a ser moedas para trocas econômicas, com dinheiro do estado, que no final impede a produtividade do agronegócio brasileiro, que parece assumir o papel de protagonista de *Veja*, acontecimento intriga.

Na composição imagética, o ex-presidente Lula posicionado ao lado dos índios, usando alguns objetos de suas tradições, sendo instruído a manusear um arco e flecha, está na “comemoração da demarcação da Raposa Serra do Sol, que *feriu* o estado de Roraima” (05/05/2010: 156). Na guerra entre índios e estado, o estado saiu ferido, com a perda de quinhões de solo para produção agrícola, parece dizer o narrador. De modo que, a demarcação da reserva prejudicou Roraima em relação ao desenvolvimento do agronegócio. Na narrativa, a imagem dos índios é tratada mais uma vez com destaque, usando roupas pertencentes à cultura dos “brancos”, com cintos, bermudas ou calças.

Construindo o seu enquadramento dramático, *Veja* em forma de *Box*, em sua estória, apresenta personagens que descrevem terem sido aconselhados a se declararem como índios ou quilombolas para obter terras ou benefícios. Além disso, há vários casos que comprovam critérios falhos utilizados pela Funai para demarcar territórios. O motorista que jogou o ônibus escolar sobre agricultores, com um cocar “apenas de galinha, como os que se usam no Carnaval” (05/05/2010: 155), negro que pratica o candomblé, se afirmou índio.

O *box* faz referência aos “novos canibais” (05/05/2010: 155), com narrativa do personagem da trama, o baiano José Aílson da Silva, irmão do cacique Babau, que também se declarou e foi preso por saquear e invadir fazendas no sul da Bahia, cuja tribo é composta por mulatos, negros e brancos.

“Um país loteado” (05/05/2010:156) é o título de um infográfico que, na narrativa mostram dados e informações das áreas que são destinadas às reservas de preservação ambiental, cidades e infraestrutura, reservas indígenas e quilombos, assentamentos de reforma agrária e às extensões que podem vir a ser demarcadas. No enquadramento dramático de *Veja*, a quantidade de áreas inexploradas que poderiam ser destinada para a produção e desenvolvimento do país são poucas, quando relacionadas ao tamanho do país.

Na sequência, a narrativa com o título “Teatrinho na praia” (05/05/2010: 158) descreve o narrador, em tempo pretérito, ao ato de 47 famílias caboclas se assumirem Boraris em 2005, estimuladas pelo fundador do Grupo Consciência Indígena, Florêncio Vaz, o qual lhes ensinou costumes e as coreografias referentes aos rituais tradicionais. Embora a etnia já tenha desaparecido, desde o século XVIII, devido à assimilação da cultura do homem “branco”. O protagonista Graciano Sousa Filho, vizinho da comunidade, afirma que o cacique “se pinta e se fantasia de índio para enganar os visitantes” (05/05/2010: 158). O personagem cacique Odair José, antagonista, de 28 anos, aparece na estória, usando um cocar na cabeça, vestido com uma camiseta vermelha que tem uma imagem de índios e uma

frase “Sou índio sim! E não tenho vergonha disso”. O que se observa é a reafirmação de uma identidade pelo personagem que usa apenas com um acessório indígena, com roupas referentes à cultura do homem branco. No final, tudo não passa de farsas como estratégia para as disputas contra os produtores do agronegócio.

Na composição da trama, *Veja* conta sobre os personagens, as comunidades que usam da representação, da autoafirmação de uma identidade para a obtenção de benefícios. Em contrapartida, apresenta os impactos causados na sociedade, caso as comunidades que reivindicam a demarcação de territórios consigam suas reservas; o maior prejudicado será a agricultura brasileira, no fio da estória. Os “Macumbeiros de cocar” (05/05/2010: 158-159) da comunidade de São Gonçalo do Amarante, Ceará, ameaçados pela instalação de um complexo industrial, o padre articulou com seus fieis a se declararem índios. Prossegue na narrativa as disputas entre os personagens na intriga, envolvendo comunidade e grupos econômicos.

Na narrativa “Made in Paraguai” (05/05/2010: 159 ed. 2163), 17 famílias que foram deslocadas do Paraguai para Morro dos Cavalos em Santa Catarina pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi). O objetivo seria o de demarcar uma reserva, como conta Milton Moreira, 49 anos, personagem da narrativa. “A Funai e o Cimi falam para gente dizer que é carijó” (05/05/2010: 159).

Conta *Veja* que um acordo barrado em 2007 pela Funai, no qual foi oferecido a 50 famílias de guaranis residentes em uma praia de Peruíbe, litoral sul de São Paulo, uma fazenda produtiva, com infraestrutura e mais R\$1 milhão de reais para cada família pelo empresário Eike Batista. Mas a Funai acredita que “índio bom é índio pobre” (05/05/2010:160). O narrador mantém sua estratégia em desconstruir a instituição mantida pelo estado, em defesa dos indígenas brasileiros. No final, a narrativa segue como pano de fundo a defesa da produção agrícola nas terras produtivas, ocupadas pelas tribos. Desta forma, os personagens se movimentam na estória na defesa de seus interesses, usando estratégias, como desvela o narrador. No final, a atenção está no poder do estado na decisão de apoiar o agronegócio.

O narrador descreve, na sequência do seu enquadramento dramático, que no Rio Grande do Sul, região de Getúlio Vargas, há fazendas que já estão instaladas na região há mais ou menos 150 anos, de colonos italianos, alemães e poloneses. Eles estão sendo ameaçadas pelos índios. Para lá, foram transferidos comunidades indígenas que se alojaram em torno das fazendas. “Problema dos brancos” (05/05/2010: 160), conta *Veja*, pois de acordo com a Funai a área é tradicional dos indígenas e sugeriu a criação de uma reserva que, no entanto, resultará na expulsão dos “brancos”. A Funai segue no papel de protagonista na defesa dos nativos em terras do sul do Brasil, no confronto com colonos europeus, na contraposição à diegese do narrador, que se afirmam em sua estória os grandes produtores do agronegócio, em tempos neoliberais.

22 famílias descendentes de sergipanos teriam migrado há 100 anos para trabalhar com o látex no interior do Amazonas, foram declaradas como quilombolas, conta o narrador, como descendentes de escravos fugidos. No entanto, os grupos familiares se autodeclararam “os carambolas” (05/05/2010: 161), para poderem permanecer na área demarcada como Parque Nacional do Jaú.

“Não basta ser negro” (05/05/2010: 161) é necessário se declarar como quilombola para se beneficiar com as demarcações de terras. José Adriano Carvalho é dono de terra há 68 anos, que o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) demarcou para o quilombo São Miguel. Isso, apesar de parte dos negros terem sido contrários ao processo de demarcação. Como conta Carvalho, “O Incra veio com papo de regularizar minhas terras, mas, quando mostrei que a documentação estava em ordem, eles disseram que a intenção era tirar os brancos daqui” (05/05/2010: 161). No final, o objetivo da Funai é atacar os homens brancos, sem critérios muito bem definidos, conta o narrador.

Segue a estória com atenção ao antagonista, personagem da trama na disputa pela demarcação de terras na defesa dos interesses dos nativos. Funai segue como um órgão que está interessado apenas em demarcar reservas para os índios, sem observar a política de produção agrícola, o agronegócio brasileiro. Nesta narrativa, como enquadramento dramático, o narrador conta que “antropólogos, ativistas políticos e religiosos se associaram a agentes públicos para montar processos e criar reservas” (05/05/2010: 154), emitindo laudos sem veracidade.

“A gente sempre foi índio, só não sabia” (05/05/2010: 159), afirma Francisco Moraes, antagonista na trama de *Veja*, que se apresenta como Cacique Junior. Embora, suas práticas culturais sejam na verdade a macumba e dança de São Gonçalo, pertencente à cultura africana e portuguesa, eles afirmam ser de índios da etnia anacés (extintos há 200 anos). Condição do personagem que leva a ironia sobre suas revelações, no contraste sobre os fatos apresentados na estória de *Veja*.

Como pano de fundo da narrativa, estão pessoas e comunidades que se assumem, aprendem os rituais, se vestem, se pintam, encenam como índios ou quilombolas para obter terras. Ademais, o que se observa na composição imagética é um jogo de aparência, em que personagens que se assumem como indígenas, ou como quilombolas, usam alguns adereços referentes a uma mistura cultural, para terem suas necessidades atendidas.

Em essência, a narrativa segue deslegitimando os grupos culturais das regiões em que ocorrem demarcações de terras e disputas com o agronegócio, de modo a evidenciar um Brasil da produção. A cultura, nesta perspectiva, toma lugar de estratégia para as comunidades salvaguardarem seus interesses, com apoio da Funai. Como pano de fundo, o dinamismo do país para a produção agrícola, em detrimento das culturas locais, que passam na trama como antagonistas de *Veja*. Cada vez mais o narrador mantém a relação contraste à cultura do país, distante da realidade global dos tempos da pós-modernidade e desenvolvimento econômico. Segue a disputa entre Cultura nativa versus cultura global, no fio da narrativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na sociedade contemporânea globalizada, a mídia ocupa espaço sempre importante na reprodução de ideologias, na mercantilização de produtos e modificação de cultura com interferência no imaginário social de modo a provocar aculturações aos novos modelos, em conformidade com os tempos pós-modernos. Entretanto, os meios de comunicação, como analisa Moraes aparecem como “parte da desterritorializações e realocalizações,

de modo que acarretam as migrações sociais e as fragmentações culturais da vida urbana; do campo de tensões entre tradições e inovação, entre grande arte e as culturas do povo; do espaço em que se redefine o alcance do público e o sentido de democracia” (MORAES apud MARTÍN-BARBERO, 2013: 64).

Esta nova configuração social, em que as culturas vivem enquanto se comunicam umas com as outras, faz com que haja um intercâmbio denso de trocas simbólicas, levando as comunidades ao processo de hibridização. Ademais, a mídia passa a ocupar uma posição de destaque nas relações produtivas e sociais, atuando na sociedade reproduzindo bens simbólicos para configuração nas narrativas das culturas locais, como as brasileiras, à semelhança as ideologias ocidentais.

Ao analisar a identidade do indígena a partir da narrativa de *Veja*, objeto de desta pesquisa, sua composição como protagonista na estória está na condição favorável ao desenvolvimento, um sujeito inserido no sistema capitalista, atuando como mão de obra trabalhadora, portanto, conforme o projeto dramático do narrador. Como antagonista, por sua vez, quando se assumem como indígenas para adquirir benefícios e auxílios, embargam construções, entram em propriedades de agricultores e provoca conflitos entre fazendeiros e agricultores para ter suas reservas demarcadas.

Vale destacar que Fundação Nacional do índio (Funai) e o Estado nacionalista, com sua política indigenista anacrônica, preocupada em apenas demarcar territórios para os indígenas, no papel de antagonista pelo narrador. E, na perspectiva do narrador, age em oposição ao desenvolvimento econômico do Brasil. No final, retiram cada vez mais áreas que poderiam ser destinadas à produção e ao agronegócio para áreas de reserva. E a Funai, além de não proteger e fornecer auxílios para que as tribos tenham qualidade de vida, não permite que elas se desenvolvam.

Os índios como personagens da narrativa de *Veja* ao longo da estória passam aculturados, inseridos na sociedade e com desejo de acesso às tecnologias, integrando-se ao sistema capitalista. Nas disputas com o Estado nacionalista, o narrador descreve as instituições estatais como antagonistas, as quais designam os índios como seres primitivos, não exatamente uma política para a defesa de sua identidade cultural. Estereotipadas pelo narrador, na disputa pelo modelo econômico neoliberal, configurando seus personagens. Afinal, a transformação cultural é inexorável, a qual obteria mais riquezas e participação na sociedade, com a inserção nos valores ocidentais, fazendo parte das suas instituições. A mitologia na disputa com a ciência, dos tempos pós-modernos racionais.

Neste embate entre o discurso emitido pela mídia e as lutas políticas dos indígenas contra o domínio ideológico, faz com que o índio seja classificado como antagonista na narrativa de *Veja*.

Por sua vez, na narrativa de *Veja*, os indígenas, entretanto, se inserem nos combates pela defesa da sua identidade e tradições, contra o modelo econômico neoliberal, porém, como instrumentos do governo para política nacionalista e desconectada da realidade da ordem mundial. Por fim, a realidade de transformações dos índios brasileiros é inexorável, que diferentemente da época da descoberta do Brasil, são brasileiros aculturados, vivendo com dignidade e conectados com os valores pós-modernos.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. O poder Simbólico. 14. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CASTELLS, Manuel. A economia informacional e o processo de globalização. In: _____. A sociedade em rede. Tradução Roneide Venâncio Majer. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. 16. ed., São Paulo: Loyola, 2008.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

FRAGA, E. C. F. Disputa simbólica pelo poder político - a construção narrativa do jornalismo. UnB, Brasília/DF, 2013.

IANNI, Octávio. A era do globalismo. 10. Ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2011.

JESUS DE SOUZA, Nali de. Uma introdução à História do pensamento econômico. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003.

KELLNER, DOUGLAS. Cultura da Mídia. Bauru, EDUSC, 2001.

LATRES, H, ALBAGLI, S. Informação e globalização na era do conhecimento. Rio de Janeiro: Campus Ltda, 1999.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações - Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Edição 2013.

MENDONÇA, M. L. de M. (Org.). Mídia e Diversidade Cultural. Brasília: Casa das Musas, 2010.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise crítica da Narrativa. Brasília: Editora da UnB, 2013.

_____. Enquadramentos Lúdico-Dramáticos no jornalismo. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 17, p. 1-25, julho/dezembro 2007.

_____. Narratologia: análise da narrativa jornalística. Brasília: Casa das Musas, 2004.

ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional. São Paulo: Brasiliense, 5ª Ed., 14ª reimpressão 2012.

LUCIANO, Gersem Dos Santos. O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

SILVA, A. S, MOTTA, L. G. Representações políticas: disputas narrativas pelas estórias. João Pessoa: UFPB, 2012.

SILVERSTONE, Roger. Por que Estudar a Mídia. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

THOMPSON, J. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação em massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

THOMPSON, John B. Mídia e modernidade: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.